

FICÇÃO

HISTÓRIAS DE AMOR

POR JOSÉ CARDOSO PIRES

O segundo livro de um escritor — como a segunda peça de um dramaturgo — é, em regra, a pedra de toque, o factor decisivo da sua carreira. É, por assim dizer, a esquina a que o esperam todos aqueles a quem o livro de estreia entusiasmou, indignou ou deixou indiferentes. Confirmará ele as promessas anunciadas nesse livro de estreia? Repetir-se-á? Ou, simplesmente, virá mostrar que as suas asas lhe não permitiam voos maiores? Eis as perguntas que a propósito de um segundo livro sempre se põem e fazem da sua publicação uma prova decisiva. Por isso mesmo, só os escritores autênticos, os que escrevem porque têm alguma coisa para dizer, os que possuem a plena consciência de que numa obra de arte é a própria condição humana que está empenhada, logram sair vitoriosas dessa prova.

Isto mesmo acaba de verificar-se (e é-nos grato registá-lo) com o novo livro de José Cardoso Pires, *Histórias de Amor* (quatro contos e uma novela, com o prefácio do autor) — onde se nos deparam, apuradas e ampliadas, todas as qualidades já patentes em *Os Caminheiros* e *Outros Contos*, seu primeiro livro publicado: densidade dos temas desenvolvidos, criação perfeita de ambientes e personagens, justeza de tons do diálogo, harmonioso equilíbrio entre o cuidado estilístico e as necessidades da matéria a exprimir.

Histórias de amor... A alguns poderá parecer fútil e despidendo o material carregado por Cardoso Pires para estes seus contos e novelas. Mas como estão enganados os que assim pensarem! *Histórias de amor*... *Histórias de amor*, sim, e porque não? Acaso *Les amants d'Avignon*, de Elsa Triolet, não são uma extraordinária e exaltante história de amor? E não são de amor algumas das mais belas páginas dos *Homens* e os *Outros*, de Vittorini? E o quê, senão o amor, está na raiz dos admiráveis versos de Éluard, e confere luz e claridade a certos dos melhores poemas de Maiakowski e Neruda? E poderemos esquecer, porventura, *Les yeux d'Elsa*, de Aragon?

A questão reside em o amor, esse amor que Cardoso Pires escolheu (ou se lhe impôs, como observador atento, mas não passivo, da realidade que o circunda) para matéria-prima dos seus contos, se inserir profundamente nessa mesma realidade, ser um dos aspectos, uma das facetas dessa realidade, que sem ele ficaria truncada e incompleta. E é, na verdade, esse amor concreto, atravessado pelo espanto, pelo medo, pela dor e pela alegria, pela angústia e pela esperança, pela noite e pela luz dos tempos que vivemos, que está presente nas páginas deste livro. Os contos de Cardoso Pires são — parafraseando o título de um deles — contos com data.

E é, em «Week-end», o amor que em vão procura libertar-se da cadeia dos preconceitos; em «Dom Quixote, as velhas viúvas e a rapariga dos fósforos», o amor trágicamente reduzido a uma caricatura grotesca e irreconhecível; no «Ritual dos pequenos vampiros» (com que nitidez se desenhavam ante nós as figuras de Simas Anjo, de Lidoro, de Rato Miquei, do mudo e — revelada apenas por «um pequeno lamento, um som rápido que se foi repetindo igualmente, com a mesma intensidade» e depois por «um gemido mais forte, quase um grito» — a presença inapagável da rapariga violada!), o amor vilipendiado e espezinhado; e em «Romance com data» (cujo *background* evoca o de «A semente cresce oculta», último conto de *Os Caminheiros*), o amor que espera e

confia para lá das contingências do presente imediato. Fica de fora, nesta enumeração, apenas um conto: «Uma simples flor nos teus cabelos claros», que mais não é do que um exercício de estilo; mas como o autor consegue criar, na novela que o protagonista do seu conto está a ler, a presença dos dois amantes na praia solitária ao cair da tarde: «e tudo à volta era a névoa cinzenta desdobrando-se pela praia deserta, e a primeira estrela do anoitecer no céu verde-ácido, a grande marca do vento...»!

Não faltará, por certo, quem aponte a influência de escolas estrangeiras nestes contos, e é quase inevitável que — sobretudo a propósito de um, «Ritual dos pequenos vampiros» — a influência dos modernos ficcionistas americanos (Caldwell, por exemplo, ou Faulkner, ou Hemingway) venha a ser posta em realce. Imprópriamente, contudo. Porque não é de influência que se trata; e sim de algo muito diferente e bem mais importante: a travessia de um «ponto de passagem indispensável», como justamente observou Mário Dionísio na crítica aos *Caminheiros*. Apenas um ponto de passagem, apesar de obrigatório — e já ultrapassado. Pois é já bem pessoal a voz que, ao longo das páginas destas *Histórias* agora publicadas, estremece de indignação e de amor. (Colecção «Os livros das três abelhas», n.º 3, Editorial Gleba. Lisboa. 1952).

LUÍS FRANCISCO REBELO